

Palavras de Amor

“Ondas”

Meu amor, encontrei-te já desfiado no poema de uma canção, na cor que se desfaz entre as gotas da chuva, encontrei-te sem, no entanto, entender que o infinito é finito, que na dor, há um amor maior, que os grandes amores foram concebidos na aliança perversa entre a alegria e o sofrimento...Devagar, desvaneces-te com as gotas da chuva, que lambem os vidros inexoravelmente como se soubesse que o dia seguinte virá, sem, no entanto, nunca chegar.

Meu amor, é como se te tivesses já desfeito, sem remédio, como se os teus dedos, tesouras ou talvez facas, perfurassem o meu peito sem que, no entanto, necessites de tocar!

A vida, o amor, ah! Esses dois cruéis amigos ou inimigos, sabe o destino, se algures fizeram a promessa de se unirem ou descasarem a todo o segundo, enrolando-se nas ondas do mar, distanciando as palavras, esculpindo-as com mel, rasgando-as com golpes profundos, impossíveis de amparar...Nas ondas, na violência do torpor, entregamos o coração que dissolve as suas moléculas, os seus átomos numa guerra de espuma, sal e sangue, sabendo tão somente que, na ausência do toque ou do abraço, o amor se dissolve em palavras. Traidoras deliberadas, simplesmente não são suficientes!

Talvez, tu saibas que o amor está ali, onde ninguém vai ou olha, nos lugares que já não são mais beijados na História, talvez tu sempre soubesses que o amor é o mais sábio conselheiro e, em simultâneo, o mais cruel: esse que torna as chegadas adoradas, mas as despedidas feitas de fel e veneno, mais letais até, essas que matam lentamente como o veneno do escorpião. O amor que sabe que a morte espreita, esse mesmo que te promete toda a vida, mas que a conhece frágil, feita de pequenos retalhos de tempo, brilhantes como conchas ao sol...

Então, pega nos retalhos, nas conchas. Devagar, o amor invade-te, o coração que, de tanto andar, fica trôpego, como boneco sem vida, mas embalado pela força motriz do querer porque sim, porque já ontem era tarde e do tarde não se faz cedo!

Não te esqueças das conchas, mantem-nas bem apertadas contra ti, talvez prolonguem o tempo que não tem por onde existir mais. Sim, essa dor é a felicidade mais eterna que te deixa vulnerável, frágil, boneco sem vida, articulado, talvez, sentado, imóvel, vazio ou cheio, a fitar o nada.

Não te esqueças que foi o amor da tua mãe que te adormeceu, como flores no regaço, colhidas agora mesmo. Não te esqueças, meu amor, que foi o amor que verteu as palavras para ti, como se fossem água, no rio, imparáveis. Não te esqueças, meu amor, que o amor te coseu sonhos, na alma, no fundo do bolso: procura bem, meu amor, agarra as conchas e os sonhos... Não te esqueças que foram as horas e o amor que

fizeram o parto dos poetas, mantendo-lhes o cordão umbilical da alegria e da tristeza extremas, irremediáveis.

Meu amor, foi ao contar-te os poemas de amor que, esperançosamente, te encontrei, sabendo já que é neste amor que o tempo se vinga, se regozija por passar simplesmente. Meu amor, vai com as ondas... Eu segurarei as conchas, escutarei para sempre o teu som, o som do mar gravado nelas, encostando-as ao ouvido e escutando esse canto de sereia que sai dos lábios do amor.

Sabes, meu amor, o amor fica assim poisado sobre a rocha, a fazer e a desfazer sonhos, numa canção, num poema que move os nossos pés e nos envolve a alma e nos compele a fazer as coisas mais tolas ou a escutar a sua canção para sempre.

Vai, eu seguro as conchas. Sentada sobre a areia, eu vejo-te ir, a sorrir, os olhos verdes brilhantes como esmeraldas caras, tocados calculadamente por raios de sol...Eu fico só assim, meu amor, a ver como as ondas te vêm buscar, te arrastam e te levam, ora para perto, ora para longe. Adeus, meu amor, hoje, vais com as ondas.

Autoria: Cláudia Pinheiro